

PERCEPÇÃO DE MÃES ADOLESCENTES ANTES E DEPOIS DA VIVÊNCIA EM OFICINAS DE ORIENTAÇÃO SEXUAL*

Daniela Inês Baldan da Silva¹
Cristina Barros Rodrigues Abreu²
Márcia Regina Marsaro³
Ana Cristina Canosa Gonçalves⁴

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a eficácia e importância de oficinas de orientação sexual para mães adolescentes ou em estado gravídico e carentes assistidas pela BRASCRI. As 27 jovens participaram de quatro Oficinas de Orientação Sexual ministradas pelos alunos do Curso de pós-graduação, *lato sensu* em Educação Sexual, promovido pelo Instituto ISEXP/FMABC, e responderam a um pré-teste e pós-teste que objetivou avaliar as concepções que as mesmas tinham a respeito de vários temas relacionados à sexualidade: valores e atitudes em relação ao casamento, virgindade, adultério, orientação sexual, necessidade de orientação sexual, prática sexual durante a gestação, relação amorosa x prazer sexual, uso de métodos contraceptivos, uso de preservativos para evitar o contágio por DSTs/AIDS, conhecimento sobre DSTs, influência da gravidez em seu status social, sentimentos acerca da gravidez, se a gravidez foi planejada ou não, desejada ou não, projetos de vida, etc.

Palavras-chave: Educação Sexual; Gravidez na adolescência; Estágio prático; Sexualidade.

* Monografia apresentada como trabalho de conclusão do Curso de pós-graduação em Educação Sexual pelo Instituto ISEXP/FMABC.

¹ Pedagoga, pós-graduada em Psicopedagogia e Educação Sexual pela FMABC/SBRASH – danyedson@uol.com.br

² Médica especialista em Ginecologista Obstetrícia, pós-graduada em terapia e educação sexual pela FMABC/SBRASH – cassioabreu@terra.com.br

³ Médica especialista em Ginecologista Obstetrícia, pós-graduada em terapia e educação sexual pela FMABC/SBRASH – mrm@directnet.com.br

⁴ Psicóloga. Pós-graduada em educação e terapia sexual. Diretora-editora da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana – acanosa@uol.com.br

Abstract: The objective of this work is to analyse the effectiveness and importance of workshops of sexual orientation for teenage mothers or needed pregnant attended by the BRASCRI. The 27 young women had participated of four Sexual Orientation Workshops given by the students of the after-graduation course, *lato sensu* in Sexual Education, promoted by the Institute ISEXP/FMABC, and had answered to a pre-test and an after-test that objectified to evaluate the conceptions that they had about various subjects related to sexuality: values and attitudes in relation to marriage, virginity, adultery, sexual orientation, necessity of sexual orientation, sexual action during the pregnancy, love relationship vs. sexual pleasure, use of contraceptive methods, use of condoms to prevent the infection by STDs/AIDS, knowledge of STDs, influence of the pregnancy in their social status, feelings concerning the pregnancy, if the pregnancy was planned or not, desired or not, life projects, etc.

Keywords: Sexual Educacion; Pregnancy during youth; Practical probation; Sexuality.

1. Introdução

Adolescência é uma fase de descobertas, de novas experiências, de questionamentos, de auto-afirmação e concretização da identidade. Por ser uma fase repleta de novidades, é comum o emergir de conflitos, dúvidas e muitas indagações.

A iniciação sexual que está ocorrendo hoje em nosso país entre os 14 e 15 anos tem resultado na abertura para a vivência da sexualidade e na quebra de barreiras repressoras; no entanto ainda crescem os índices alarmantes das conseqüências deletérias do exercício da sexualidade sem orientação adequada, como os cerca de 560.000 partos de mães adolescentes por ano, o alto número de abortamento provocado, a contaminação por DST e o desenvolvimento de disfunções sexuais.

A sexualidade é experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos.

Sexualidade envolve, além do nosso corpo, nossa história, costumes, nossas relações afetivas e a cultura.

A atividade sexual da adolescente é, geralmente, eventual, justificando para muitas a falta de uso rotineiro de anticoncepcionais. A grande maioria delas

também não assume diante da família a sua sexualidade, nem a posse do anticoncepcional, que denuncia uma vida sexual ativa. Assim sendo, além da falta ou má utilização de métodos contraceptivos, a gravidez e o risco de engravidar na adolescente podem estar associados a uma menor auto-estima, a um funcionamento familiar inadequado, à grande permissividade falsamente apregoadas como desejável a uma família moderna ou à baixa qualidade de seu tempo livre.

De qualquer forma, o que parece ser quase consensual entre os pesquisadores, é que a facilidade de acesso à informação sexual não tem garantido maior proteção contra doenças sexualmente transmissíveis e nem contra a gravidez nas adolescentes.

De acordo com os dois últimos Censos, enquanto a fecundidade declinou em todos os grupos etários nos últimos dez anos, as jovens de 15 a 19 anos representam pela 1ª vez uma exceção, com crescimento de 25% entre 1991 e 2000; este crescimento foi mais expressivo nas jovens menos escolarizadas, mais pobres e das zonas urbanas. Em 2000 a fecundidade entre 15 a 19 anos já respondia por 20% do número total de filhos tidos pelas mulheres ao longo de todo o período reprodutivo, ou seja, 15 a 49 anos. A maior parte dessas jovens mães é constituída por mulheres solteiras, proporção que veio crescendo no período de 1991 a 2000, passando de 80% para 94%. O maior aumento ocorreu entre as jovens de 15 a 17 anos.

Algumas variáveis favorecem a gravidez na adolescência: o fato de a jovem confiar na própria sorte, ou seja, desenvolver o pensamento mágico de que a gravidez não acontecerá com ela; utilização incorreta de anticoncepcionais; o uso de álcool ou drogas; falta de diálogo com os pais; desejo de agredir a família, estar perdidamente apaixonada pelo rapaz; baixo rendimento escolar e/ou abandono dos estudos, início precoce da vida sexual, desejo de antecipar o casamento, entre outras.

Ao engravidar, a jovem tem de enfrentar, paralelamente, tanto os processos de transformação da adolescência como os da gestação.

Deve-se insistir na capacitação dos profissionais das áreas de saúde e educação, para que se sintam preparados a estabelecer uma comunicação interpessoal baseada na comunicação horizontal de escuta e de respeito aos valores e atitudes das jovens.

É necessário, cada vez mais, que os programas e os profissionais que lidam com adolescentes, aprofundem seus conhecimentos e suas ações de prevenção contínua, passem a combater os fatores que colocam em risco as expectativas

de futuro das adolescentes e fortaleçam os fatores de proteção para a saúde e para a vida.

Prevenção se faz com garantias no atendimento integral, multiprofissional e intersetorial, no acesso a uma educação que compreenda os aspectos da adolescência normal, seus riscos e seus desafios; na criação de espaços onde o adolescente possa falar de suas dúvidas, de seus problemas, de seus sonhos; no incentivo ao amor pelo conhecimento e pelos livros, num resgate das raízes da nossa identidade e da nossa tradição, na valorização da nossa história. Também se faz através de garantias de acesso a cultura e esportes, como uma forma de incentivar um potencial (Duarte, 2002).

Além das ações educativas, é preciso constituir políticas de saúde reprodutiva para os jovens de forma mais ampla, com caráter intersetorial levando em conta a participação dos jovens, considerando a heterogeneidade existente, inclusive dentro da faixa etária de 10 a 19 anos, na definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), e de jovens de 15 a 24 anos, *idem*, e propor estratégias diferenciadas que privilegiem os grupos de maior vulnerabilidade. Implementar políticas que aumentem o acesso a serviços de promoção geral da saúde reprodutiva e a métodos que promovam o sexo seguro e a dupla proteção. E, além disso, implementar políticas que abram oportunidades para atividades produtivas, educativas e recreativas visando à ocupação do tempo livre do jovem.

2. Metodologia

O trabalho “Percepção de mães adolescentes antes e depois da vivência em Oficinas de Orientação Sexual” é resultado da experiência e estudos adquiridos no curso pós-graduação em Educação Sexual, principalmente através do estágio prático realizado na forma de 4 encontros mensais com adolescentes grávidas e puerperais de uma entidade assistencial, durante o último semestre do curso, no primeiro semestre do ano de 2004.

Foi realizado um estudo transversal descritivo e comparativo com 27 jovens puerperais ou gestantes que participaram do “Projeto Amores”, que foi desenvolvido nas dependências da Associação Brasileira de Ajuda à Criança (BRASCRI), situado no Bairro de Santo Amaro, cidade de São Paulo, Brasil.

As jovens responderam um pré-teste, com 34 questões de múltiplas escolhas e dissertativas, e após participarem das quatro Oficinas: “Meu corpo, minha casa”; “O Amor em discussão”; “A prevenção necessária” e “Meu Projeto de

Vida”, o mesmo questionário foi aplicado às jovens que participaram de pelo menos três Oficinas, a fim de verificar as mudanças ocorridas.

As adolescentes foram convidadas a participar do projeto, assinaram um termo de consentimento, responderam pessoalmente o questionário com total garantia de sigilo e anonimato.

O referido instrumento de avaliação foi dividido em 5 partes:

- *Caracterização do público alvo*: composta pelos dados sociais e pessoais;
- *Métodos contraceptivos, DST/AIDS*: composta de questões relativas ao conhecimento e utilização de métodos;
- *Práticas Sexuais*: questões relativas a valores e atitudes relacionadas à sexualidade;
- *Gravidez*: questões relativas à particularidade e circunstâncias que envolveram a gravidez de cada adolescente e
- *Projeto de Vida*: questões relativas às perspectivas, sonhos e anseios das jovens.

Partimos para o trabalho com as jovens acreditando na necessidade que a sexualidade seja desmistificada e as instituições públicas e particulares, de ensino, saúde ou assistenciais, possam ajudar adolescentes, pais e profissionais a questionarem os elementos que impulsionam o jovem a buscar parceria amorosa e muitas vezes descuidar do uso de métodos contraceptivos já bastante conhecidos por eles.

Também concordamos com Gonçalves (2004) quando coloca que os jovens são aqueles que mais conseguem multiplicar conceitos, idéias e valores em sexualidade para outros de sua mesma faixa etária. Portanto os Cursos de capacitação em Sexualidade devem envolvê-los, transformando-os em agentes multiplicadores de um “saber sexual” que envolva a sexualidade biofisiológica, sócio-cultural, e afetiva (Gonçalves, 2004).

Através do Estágio Prático, percebemos que a função do Educador Sexual ficou mais clara e legítima, assim como mais confortável a comunicação com as jovens à medida que as Oficinas iam acontecendo. As técnicas mobilizadoras de emoção ajudam em muito o trabalho e promovem maior integração de grupo. O trabalho prático auxiliou também no aprendizado das técnicas de pesquisa e desenvolvimento de Projetos.

Já em relação as jovens atendidas observamos que a vivência nas oficinas possibilitou um espaço de acolhimento onde dúvidas e questionamentos puderam ser esclarecidos, sem rodeios ou preconceitos e com embasamento científico.

3. Discussão de resultados

Para destacar a eficácia e a importância das Oficinas para as jovens assistidas, vamos focar a discussão nas questões que mais chamaram nossa atenção em relação a comparação dos índices obtidos no pré e pós-teste, acrescidas da observação direta durante as vivências com as adolescentes.

Visivelmente a informação acompanhada de vivência emocional e vínculo com o grupo de profissionais possibilita elucidar dúvidas e diminuir ou quebrar algumas das defesas para que o tema sexualidade seja discutido. Isto ficou evidenciado nas questões relativas à DST, menstruação, etc.

Tabela 1

DST conhecidas pelas jovens	Pré-teste	Pós-teste
AIDS	22	18
Cancro duro	0	1
Cancro mole	2	2
Chato	1	0
Condiloma	2	2
Corrimento	1	3
Gonorréia	9	15
Hepatite	0	6
Herpes	4	6
HPV	1	8
Sífilis	14	17

Todas as jovens afirmam conhecer DST, as mais citadas foram: AIDS, Sífilis e Gonorréia. É possível observar que no pós-teste aumentou consideravelmente o índice de conhecimento de várias doenças (gonorréia, corrimentos, HPV, Sífilis), sendo que a Hepatite que não havia sido citada no pré-teste foi citada seis (6) vezes no pós-teste, fruto da orientação recebida durante as oficinas do “Projeto Amores” (Tabela 1).

Por outro lado, algumas idéias sobre o exercício da sexualidade, principalmente vinculadas ao afeto, se mostraram resistentes a modificações diante das ações empregadas neste Projeto. Principalmente as questões ligadas à virgindade de ambos os parceiros para o casamento e a importância desta para a relação, se mantiveram consolidados antes e depois das oficinas.

Podemos levantar ao menos duas hipóteses que indicam caminhos para o entendimento desta questão: a pouca carga horária (14 horas) para efetivamente promover reflexões mais aprofundadas e eventualmente algumas mudanças; as fantasias típicas dos adolescentes sobre relações amorosas nesta fase da vida. Acrescenta-se a este último fato que a população assistida neste Projeto é carente e o casamento, muitas vezes é uma solução que encontram para minimizarem as angústias vividas em família como agressões verbais e físicas, falta de espaço físico na moradia, etc.

Ligada, também, a esta realidade, foi curioso perceber que as jovens antes da vivência nas oficinas, diziam que suas gravidezes haviam sido planejadas e que os pais haviam ficado felizes com a notícia. Já no pós-teste, estes índices caíram bastante e se tornaram mais próximos do de outras pesquisas similares (Tabela 2).

Tabela 2

Quanto ao pai de seu filho, em relação à gravidez ele:	Pré-teste	Pós-teste
Ficou feliz e a apoiou	81%	59%
Ficou “assustado”, mas apoiou	11%	36%
Ficou ressentido e rejeitou a relação, mas assumiu a paternidade	4%	0%
Ficou ressentido e rejeitou a relação, e não assumiu a paternidade	4%	5%
Sugeriu um aborto	0%	0%

Percebemos que para as jovens do “Projeto Amores” a uma grande necessidade de manter a **fantasia** da família nuclear estabilizada e desejada como projeto de vida e realização pessoal. Também pensamos se a população carente assistida só tem como modelo exatamente este, o da mulher/mãe que não pode esperar muito da sociedade para oferecer-lhe conquistas no âmbito profissional e pessoal. No entanto, é também importante frisar que as jovens do “Projeto Amores” estavam engajadas no Projeto AMA da BRASCRI, onde recebiam o incentivo e o aprendizado para o trabalho informal, além de orientações para a busca de autonomia, sendo assim esta “rápida” quebra da fantasia inconsciente da gravidez desejada por ambos (jovem e pai) observada na diminuição dos índices do pós-teste, revela que estão mais conscientes das conseqüências deletérias da gravidez na adolescência diante

das possibilidades de realização em outros aspectos da vida (profissional, social, amoroso, etc.).

Avaliação das jovens

De acordo com a avaliação, as jovens gostaram muito de ter participado do “Projeto Amores”. Aprenderam, entre outras coisas, sobre prevenção nas relações sexuais, sobre DST, sobre seus corpos, sobre Métodos Contraceptivos e conseguiram tirar várias dúvidas sobre sexualidade. Adquiriram informações, que segundo elas irão “carregar para vida toda”, e que sem dúvida irão interferir na sexualidade delas, do casal, e na educação de seus próprios filhos.

Além de aprenderem, estas jovens afirmaram literalmente que multiplicarão os conhecimentos adquiridos, transmitindo-os para amigas, parceiros e filhos.

A constatação mais gratificante para os profissionais que desenvolveram o Projeto é que as jovens disseram que irão pensar mais, antes de tomar alguma atitude e vão cuidar e valorizar mais a sua saúde.

A avaliação das jovens nos possibilitou constatar a importância de trabalhos preventivos de orientação sexual e da necessidade eminente de estabelecer políticas públicas para a juventude, pois só desta forma estaremos possibilitando que mais jovens possam se “empoderar” de seus projetos de vida.

4. Conclusões

Podemos inferir que projetos semelhantes ao “Projeto Amores” proporcionam às jovens, entre outras coisas:

- reflexão e discussão sobre os sentimentos envolvidos no relacionamento como amor, paixão e família e a responsabilidade nas decisões, onde toda ação gera uma consequência;
- perceber a importância de cultivar uma boa auto-estima e valores próprios, em todos os momentos da vida;
- possibilidade de perceber que todos nós podemos transmitir ou ser contaminado por alguma DST, independente de classe social, raça, credo ou hierarquia;
- possibilidade de debater temas como relacionamento, confiança, comportamento de risco x grupo de risco, fidelidade x lealdade, esclarecer dúvidas;

- possibilidade de reforçar a importância dos cuidados com higiene, prevenção, uso de preservativos e busca de auxílio médico.

Para nós Educadores Sexuais foi possível perceber, “na pele” a importância do planejamento, da escuta ativa, da utilização de material educativo adequado para nos auxiliar na transmissão de informações. E acima de tudo, nos levou a crer que é preciso nos munir de todos os recursos dentro do possível, para levar a informação e a reflexão para que nossos jovens possam tomar decisões conscientes pautadas em conhecimento e escolha responsável assumindo as consequências das mesmas.

Através dos registros das oficinas foi possível comprovar na prática a validade do método empregado e a proposta da oficina, permitindo a coleta dos dados para posterior publicação que é fundamental para o crescimento científico.

Na formação de Educadores Sexuais o estágio prático é uma ferramenta valiosíssima, que possibilita aliar teoria, reflexão e prática.

Torna-se essencial aliar informação com discussão, para que os jovens coloquem suas dúvidas, medos, preocupações e também para que possam relacionar as informações com suas experiências afetivas e sexuais.

Os jovens anseiam por maior diálogo, orientação e espaço. Através do diálogo é possível a busca de caminhos que possibilitem repensar as práticas atuais, pois através da reflexão conjunta e de alternativas para a qualidade de vida é possível estabelecer relações com maior autenticidade. Informar é importante para a formação, mas é fundamental saber conectar-se com a dúvida do jovem, refletir conjuntamente, responder sem pré-julgamentos ou pré-conceitos e transmitir conceitos com capacidade, compreensão e carinho.

Deve-se levar em consideração que a sexualidade humana não se resume apenas à fisiologia e à prevenção, mas sofre interferência de aspectos afetivos, preconceitos, normas morais, vigentes em diferentes épocas e culturas. Medos e inseguranças, baixa auto-estima, assimetrias de gênero nas negociações sobre direitos sexuais e reprodutivos podem derivar em uma gravidez.

É importante começar com o trabalho de Educação Sexual preventivo, antes do início das atividades sexuais, pois esta iniciativa facilita a promoção de um comportamento sexual responsável e evita consequências não desejadas. Precisamos abrir um espaço para que nossos jovens possam refletir.

Um jovem está mais protegido quando tem um bom engajamento no meio em que vive, um bom relacionamento com a família, com os amigos e na

escola. Todos os esforços devem ser feitos para melhorar a auto-imagem que o adolescente faz de si mesmo.

Referências bibliográficas

ABERASTURY, A. e colaboradores. *Adolescência*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

ABERASTURY, A. KNOBEL, M. *Adolescência Normal*. 4ª ed. Tradução: Suzana M. Garagory. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ABRAMOVAY, M., CASTRO, M. G. & SILVA, L. B. da. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO. Brasil, 2004.

ANTIGHINI, M. R. *Manual para pais, professores e alunos*. 1ª ed., Santos, SP: Espaço do Autor, 2004.

BANACO, A. R. Adolescentes e terapia comportamental. In B. Rangé (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. Campinas: Editorial Psy, p.143-148, 1995.

BANDURA, A. *Modificação do comportamento*. Rio de Janeiro: Editora Interamericana Ltda, p. 69-128, 1979.

BECKER, D. *O que é adolescência*. 8ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BRUNS, M. A. de T. *Adolescentes: maternidade e paternidade inoportunas*. Série: Conversando sobre sexualidade. São Paulo: Ômega Editora e Distribuidora, 2001.

_____. *O jovem e o "ficar"*. Série: Conversando sobre sexualidade. São Paulo: Ômega Editora e Distribuidora, 2001.

BUENO, G. M. *A gravidez na adolescência*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia e Fonoaudióloga da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 2003.

CAVASIN, S. & ARRUDA, S. (1995). *Gravidez na adolescência: um outro enfoque* Disponível em: www.intelecto.net. Acesso em maio de 2004.

COSTA, M. *Dilemas e crescimento*. Porto Alegre: Editoria L&PM, 11ª ed., 2002.

DADOORIAN, D. (2000). Gravidez na adolescência um novo olhar. Disponível em www.revistacienciaprofissao.org. Acesso em setembro de 2004.

DUARTE, A. *Gravidez na adolescência. Ai, como eu sofri por te amar*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 3ª ed. Ed. Sarvier, 2002.

EIRAS, M. S. *A gravidez como etapa do desenvolvimento da mulher: relatos de grávidas sobre suas experiências e sentimentos ligados a parentalidade*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia e Fonoaudióloga da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 1983.

FÁVERO, M. H.; MELLO, R. M. *Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 13, 1: (p.131-136), 1997.

FERREIRA, T. *Prevenção de gravidez na adolescência deve considerar a formação da identidade*. Jornal da Paulista-Comunicação UNIFESP – SP. Ano 14, ed. 159, setembro de 2001. Disponível em: www.unifesp.br. Acesso em setembro de 2004.

GALLETTA, M. A. *Garotas de classe média*. Órgão Oficial do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo: Jornal do Cremesp, Ano XVIII, 145, 9, 1999.

KAHHALE, E. M. P. Mecanismos psíquicos da grávida adolescente. In M. Zugaib, J. J. Tedesco & J. Quayle, *Obstetrícia psicossomática* São Paulo: Editora Atheneu, p. 243-251, 1997.

MAAKAROUN, M. de F. Considerações gerais sobre a adolescência In: *Tratado da Adolescência, um estudo multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Editora Cultura Médica, 1991.

MALDONADO, M. T. *Psicologia da gravidez: parto e puerpério*. São Paulo: Saraiva, p. 15-55, 1997.

MIRANDA, A. *Elas sabem o que fazem*. Jornal da Unicamp. Campinas, março, 2001. Disponível em www.unicamp.br. Acesso em setembro de 2004.

OSÓRIO, L. C. *Adolescente Hoje*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

PEIXOTO, S. *Pré Natal*. São Paulo: Editora Roca, 2004.

PESQUISA VOZ DO ADOLESCENTE. UNICEF, 2002. Disponível em www.unicef.org.br. Acesso em setembro de 2004.

PONTE Jr. G. M., XIMENES NETO, F. R. G. Gravidez na adolescência no Município de Santana do Acaraú – Ceará – Brasil: uma análise das causas e riscos. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 06, n. 01, ano 2004. Disponível em www.fen.ufg.br. Acesso em junho de 2004.

PRÊMIO SAÚDE BRASIL. (2001). *Perfil da adolescente grávida*. Faculdade de Medicina de Campos, 2001. Disponível em www.saudebrasilnet.com.br. Acesso em maio de 2004.

RAMOS, M. H. M. & CECÍLIO, M. A gravidez ao longo dos tempos. *Nursing*, Ano 10, 118, 26-27, 1998.

RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

REIS, C. O. A. & RIBEIRO, M. A. (1999). *Gravidez na adolescência*. Disponível em www.nib.unicamp.br. Acesso em abril de 2004.

REY, F. G. *Personalidad: salud Y modo de vida*. México: Unam Iztacala, p. 07-45, 1993.

SARMENTO, R. C. *Gravidez na adolescência: amor, busca, desencontro*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia e Fonoaudióloga da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 1990.

TRINDADE, E. & BRUNS, M. A. de T. Era isso o que eu queria? Um estudo da maternidade e da paternidade na adolescência, *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo: iglu editora, 7 (2): 167-205, julho-dezembro, 1996.

VITIELLO, N *Reprodução e Sexualidade, um manual para educadores*. São Paulo: CEICH, 1994.

_____ (org) *Sexualidade na Adolescência*. Sexologia 2. São Paulo: Editora Prol. p.117-125, 1995.

_____ *Sexualidade, quem educa o educador*. São Paulo: Editora Iglu, 2ª ed., 2000.

VITIELLO, N.; CONCEIÇÃO, I. S. C.; CANELLA, P. R. B. & CAVALCANTI, R. C. *Adolescência Hoje*. São Paulo: Editora Prol, 1999.

WEINBERG, C. *Porque estou assim, os momentos difíceis da adolescência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

WEINBERG, C. (org.) *Geração delivery: adolecer no mundo atual*. São Paulo: Sá Editora, 2001.

WONG, L. L. R. & MELO, A. V. Gravidez na adolescência. *Revista São Paulo em Perspectiva*, 1,1: p. 30-36, 1987.

ZAGURY, T. *O adolescente por ele mesmo*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.